

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 49 jul-dez 2023 ISSN 1413-6651

IMAGEM estátua de Espinosa em Haia, inaugurada em 1880, autoria do francês Frédéric Hexamer (1847-1924). A estátua está localizada ao lado da casa em que o filósofo residiu durante os últimos sete anos da sua vida, onde completou o texto da *Ética* e recebeu a visita de Leibniz.

ESPINOSA E A DIVERSIDADE ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Benito Maeso

Professor, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
prof.maeso@gmail.com

RESUMO: Dentro do programa curricular da Base Nacional Comum para o Ensino Médio, a promoção da ética e dos direitos humanos é uma categoria constitutiva do programa das Ciências Humanas, no geral, e da Filosofia, em particular. Com base neste pressuposto, o artigo relata uma experiência de abordagem sobre questões de etnia, gênero e sexualidade em turmas do 2º ano do Ensino Médio do IFPR, campus Colombo, a partir de uma leitura de elementos selecionados da Ética e do *Tratado Teológico-Político* de Espinosa. O fundamento teórico para a abordagem temática a partir do espinosismo consistiria em uma interpretação dos conceitos de Modo, Atributo e Substância, esta entendida como perfeitíssima. Se, para o autor, a Substância se mostra em diversos modos e com diversos atributos, e cada ser é modo diverso da mesma Substância, ou seja, Deus, logo: a) se o ser humano é modo da Substância e esta é perfeitíssima, não se pode dizer que aquele incorra em falta perante Deus por ser como é, e; b) se a ordem da Natureza também é perfeitíssima (pois *Deus, sive Natura*), diferenças de gênero, etnias, corpos e sexualidades são apenas modos do atributo extensão: afirmá-las como pecados ou falhas é dizer que a Substância não é Perfeita.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade; Espinosa; Substância; Modo; Perfeição.

*I'm beautiful in my way 'cause God makes no mistakes
I'm on the right track, baby, I was born this way*

Lady Gaga

INTRODUÇÃO: A RAZÃO DA ESTRATÉGIA – DADOS, CENÁRIOS E DESCRIÇÃO DA BASE DA EXPERIÊNCIA

No Brasil, dados coletados pelo IBGE¹ divulgados em 2022 apontam que, oficialmente, cerca de 2% da população brasileira se identifica como LGBTQIAPN+, ainda que na mesma pesquisa cerca de 3,5% ou não soube ou recusou-se a responder e outras estimativas apontam que cerca de 10% da população pode ser identificada desta forma². Porém, a advogada e ativista Márcia Rocha, em entrevista ao portal Terra em 31/05/2022, aponta diversas causas para o que é chamado por ela de “subnotificação”, como o medo de punições, hostilidades e julgamentos sociais, a ignorância sobre o tema – fruto, por exemplo, da não-discussão sobre educação sexual nas escolas – e fatores como vergonha e repressão interna, visto que sexualidade ainda é um tabu social. “Quanto mais liberal o país é, ou seja, quanto mais direitos humanos

1 PNS – Pesquisa Nacional de Saúde: Orientação Sexual autoidentificada da população adulta. Cfe. ROCHA, M. (2022) População LGBT no Brasil é maior do que os números divulgados. *Terra Nós. Portal Terra - Opinião*. (vídeo). Disp. In <https://www.terra.com.br/nos/opiniao/marcia-rocha/videos/populacao-lgbt-no-brasil-e-maior-do-que-numeros-divulgados,3594376d50bc1171f5bb2b2843289fd40f31d38n.html>

2 Estimativas da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, de acordo com dados constantes no site do STJ sobre a decisão da 4ª Turma do Tribunal a respeito da união estável de um casal no Rio de Janeiro. Cfe. ROCHA. (2022) Idem, ibidem.

ele tem, quanto mais autonomia os seres humanos têm em um país para ser, para viver e para expor aquilo, a forma como são e se sentem, maiores são estes números” (ROCHA, 2022, s/n).

Dentre estes fatores limitantes, é possível supor que o medo causado pela censura, violência e opressão sociais façam com que, principalmente entre adolescentes, não haja registros exatos – apenas estimativos – de seu percentual na sociedade como também dos casos de violência contra este segmento populacional (cfe. pesquisa realizada pelo SUS³). No Ensino Médio, este tema é especial foco de tensão, visto a fase conflituosa que define a adolescência e a crescente ocorrência de casos de *bullying*⁴ e de intolerância no ambiente escolar. As discussões e a abordagem sobre gênero nas escolas – e na prática docente – esbarram em práticas diárias de preconceito, intolerância e opressão, seja por parte de alunos e alunas como de famílias. Dados da Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil⁵ (2016) mostram que 73% do total de estudantes LGBTQIAPN+ já sofreram agressões verbais e 36% agressões físicas no ambiente escolar.

E uma das maiores fontes da opressão contra estas populações tem origem em dogmas e superstições, filhas diretas do medo daqueles que oprimem em

3 Cf. PUTTI. (2020) Um LGBT é agredido no Brasil a cada hora. *Carta Capital*. Disp. <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/> Acesso 13 abr 2023 11:43

4 BORGES (2019) Casos de bullying e discriminação aumentam entre alunos e professores nas escolas de SP, diz pesquisa. *G1 São Paulo*. Disp. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/18/casos-de-bullying-e-discriminacao-aumentam-entre-alunos-e-professores-nas-escolas-de-sp-diz-pesquisa.ghtml> Acesso 11 abr 2023 17:00

5 MATUOKA (2018) Por que a escola brasileira precisa discutir gênero e orientação sexual. *Centro de Referência em Educação Integral – EI*. Disp. <https://educacaointegral.org.br/reportagens/por-que-a-escola-brasileira-precisa-discutir-genero-e-orientacao-sexual/> Acesso 04 jan 2023 15:09

e TOKARNIA (2016) Mais de um terço de alunos LGBT sofreram agressão física na escola, diz pesquisa. Agência Brasil. Disp. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/mais-de-um-terco-de-estudantes-lgbt-ja-foram-agredidos-fisicamente-diz> Acesso 23 mar 2023 11:00

relação ao objeto de sua opressão. A ascensão do discurso teológico, embebido de dogmatismo, no cenário social e político brasileiro atual, traz consigo a tentativa de validação dos preconceitos por meio da ameaça de punição de uma ou mais entidades sobrenaturais. Ao mesmo tempo, é um dos assuntos que maior engajamento gera no corpo discente, até pelo fato da pouca ou nenhuma discussão sobre tais temas no ambiente familiar ou religioso ao qual tais adolescentes pertencem.

Teoriza-se que a ausência de discussões e acolhimento em tais instâncias pode estar diretamente associada ao medo, que, para Espinosa, é a causa que dá origem, mantém e amplifica a superstição e o preconceito, visto que os seres humanos, em sua grande maioria, procuram a Deus não por causa Dele, mas sim com seus próprios objetivos em mente. É possível depreender tal raciocínio a partir do seguinte trecho do Escólio da Proposição XLI do Livro V da Ética (“é principalmente pelo medo de serem punidos com terríveis suplícios após a morte que eles são induzidos, tanto quanto o suporta sua fragilidade e seu ânimo impotente, a viver segundo a prescrição da lei divina” – ESPINOSA, 2015, E V, PROP XLI, ESC.) e de uma leitura atenta do prefácio do *TTP*, notadamente no trecho abaixo:

Todos eles, designadamente quando correm perigo e não conseguem por si próprios salvar-se, imploram o auxílio divino com promessas e lágrimas de mulher, chamam cega à razão (porque não pode indicar-lhes um caminho certo para as coisas vãs que eles desejam) e vã à sabedoria humana; em contrapartida, os delírios da imaginação, os sonhos e as extravagâncias infantis, parecem-lhes respostas divinas. Até julgam que Deus sente aversão pelos sábios e que os seus decretos não estão inscritos na mente, mas sim nas entranhas dos animais, ou que são os loucos; os insensatos, as aves, quem por instinto ou sopro divino os revela (ESPINOSA, 2019, p. 126).

Em nome dessa doutrina finalista, a própria ideia de um Deus supremo e perfeitíssimo é profanada, servindo como desculpa para os desejos de poder destes humanos, que O concebem à sua imagem e semelhança. Como Espinosa já mostrava no Apêndice do Livro I da Ética,

[...] todos os preconceitos que aqui me incumbio de denunciar dependem de um único, a saber, que os homens comumente supõem as coisas naturais agirem, como eles próprios, em vista de um fim; [...] essa doutrina da finalidade inverte inteiramente a natureza. Pois o que é de veras causa, considera efeito, e vice-versa. O que é primeiro por natureza, faz posterior. E ao cabo, o que é supremo e perfeitíssimo, torna imperfeitíssimo (ESPINOSA, 2015, E I Apêndice, p. 111).

A prática docente traz a experiência de que a busca de uma estratégia para a abordagem dos temas de gênero, igualdade, diferença e multiplicidade de identidades entre @s discentes muitas vezes esbarra em um uso instrumental do sagrado, que funciona como um escudo contra ferramentais teóricos contemporâneos maldosamente associados à infame “ideologia de gênero⁶”. No intuito de desviar de tais barreiras – e levando em conta as exigências da Base Nacional Curricular Comum – BNCC sobre habilidades e competências que envolvam o estudo da Ética como campo filosófico e social – escolheu-se o recurso a elementos do Livro I da Ética e do *Tratado Teológico-Político*⁷ de Espinosa para trazer as temáticas delicadas relacionadas a preconceitos de

6 Cfe. REIS e EGGERT (2017, *passim*), o termo consiste numa falácia para desqualificar estudos de gênero na academia, induzindo a pensar que debater diversidade e diferença envolveria escolha ou convencimento de indivíduos sobre manifestações de sexualidade. Também seria uma estratégia para vetar debates sobre sexualidade no Ensino Fundamental e Médio, ocultando diferenças sob uma suposta “igualdade” como valor universal.

7 A serem citados como *E* e *TTP*, conforme a convenção mais comum dentro dos estudos espinosanos.

etnia, crença, gênero e sexualidade em turmas do segundo ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná – Campus Colombo, no ano de 2022.

As turmas dos cursos Técnico em Administração, Técnico em Informática e Técnico em Alimentos, somadas, abarcam um número de 95 discentes (48 alunos e 47 alunas) de diversas classes sociais, visto que o Instituto Federal tem, como sistemas de admissão, a prova de seleção e o sorteio de vagas remanescentes, com o compromisso de reserva de cota social e étnica de no mínimo 50% dos estudantes. O público estudantil, portanto, é bastante heterogêneo tanto em perfil socioeconômico como em sua origem e formação anterior.

Entre as turmas também é possível observar uma maioria de discentes que seguem religiões ligadas ao cristianismo (entre católicos, pentecostais, batistas, neopentecostais, etc.), existindo também volume significativo de discentes praticantes de religiões afro-brasileiras, espíritas e discentes que se manifestam agnósticos ou ateus (em uma proporção aproximada de 70-30% entre as categorias citadas na soma das turmas).

Neste grupo de estudantes, em específico, o número aproximado de discentes que se posiciona abertamente sobre questões envolvendo sua própria identidade de gênero é significantemente alto (cerca de 24 integrantes nas três turmas assumem-se como LGBTQIAPN+). Do ponto de vista étnico-racial do universo em questão, 19 discentes declaram-se pretos, pardos ou não-brancos.

Deixa-se claro, no entanto, que esta tática de abordagem tem mais a função de permitir uma entrada no tema, levantando um paradoxo no argumento de que haveria uma suposta condenação divina às questões de gênero – discurso que domina tal argumentação instrumentalizada – do que impor ou apontar uma resposta definitiva aos debates que, inapelavelmente, surgem em sala de aula. A defesa dos valores da multiplicidade, da diferença e da liberdade pressupõem o combate ao dogmatismo por meio da razão não-dogmática.

No roteiro do conteúdo pedagógico a ser aplicado pelo docente, seguin-

do as ementas constantes nos PPC – Projetos Pedagógicos dos Cursos do IFPR Campus Colombo, o debate sobre o conceito de Ética na Idade Moderna se situa entre a ética tomista, os debates sobre Liberdade, Necessidade e Contingência da ação humana (exemplificados a partir do estudo de Maquiavel) e a análise dos preceitos contidos nas formulações do Imperativo Categórico kantiano. Todas as abordagens, de acordo com as diretivas do IFPR e com os postulados da BNCC, devem conjugar a fidelidade conceitual com a chamada transposição didática, ou seja, trazer conceitos, problemas e conteúdos para a realidade discente, visando que as e os estudantes estabeleçam relações entre os conteúdos e seu cotidiano. Ainda assim, a carga horária destinada ao ensino de Filosofia é bastante reduzida na somatória geral do horário discente (01 hora-aula por semana nos cursos técnicos de Informática e Alimentos, cuja duração total é de quatro anos, e 02 horas-aula semanais no técnico em Administração, de duração total de três anos). As escolas técnicas federais exerceram sua autonomia perante a implantação verticalizada e sem debates da primeira versão do Novo Ensino Médio, não eliminando disciplinas ou itinerários; porém, a carga de matérias técnicas muitas vezes estrangula a necessária expansão da carga horária destinada ao chamado Núcleo Comum.

Os passos da aplicação da estratégia serão descritos ao final do relato. Neste momento, torna-se mister apresentar a justificação conceitual para a abordagem do problema por meio do recurso à filosofia espinosana. É importante ressaltar na abordagem docente, para maior eficácia da estratégia e antecipar possíveis pontos de atrito com o corpo discente⁸, que: a) o ponto de vista abordado é o de Espinosa, que considera que a divindade existe; b) que há um contexto no conceito de divindade e na nomenclatura divina adotada pelo autor luso-holandês, e; c) a visão espinosana não acolhe de forma dogmática

8 Principalmente se a sala de aula tiver estudantes ateus ou que professem outras crenças de matrizes diferentes, inclusive porque a visão espinosana passa muito longe da matriz judaico-cristã e suas derivadas. Isso visa construir um terreno dialógico no qual o desconforto que a posição de Espinosa causa possa gerar situações produtivas do ponto de vista do ensino e da aprendizagem.

certos postulados da divindade tidos como senso comum, ao contrário, os contesta veementemente. Isto posto, além da discussão sobre a existência e natureza de Deus conforme a Ética, os conceitos de modo, substância e atributo são os pontos chaves para construir este trabalho.

A SUBSTÂNCIA DA ESTRATÉGIA

Para Espinosa, a existência da divindade é necessária e dedutível do conhecimento que temos de nossa própria existência, conforme o enunciado e a Demonstração da Proposição XI do Livro I (ESPINOSA, 2015, p. 59). A totalidade da divindade e sua manifestação de diferentes formas em toda a existência, que só pode ocorrer ou ser concebida nel@ mesm@, é exposta no enunciado da Proposição XV (“Tudo o que é, é em Deus, e nada sem Deus pode ser nem ser concebido” – ESPINOSA, 2015, E I P XV, p.69), reforçada pelo enunciado (“Da necessidade da natureza divina devem seguir infinitas coisas em infinitos modos”) e pelo corolário da Proposição XVI, “Deus é causa eficiente de todas as coisas que podem cair sob o intelecto infinito” (ESPINOSA, 2015, E I P XV, p.73). Tais ideias reaparecem na Demonstração e no escólio da proposição XXIX (ESPINOSA, 2015, p. 95 e 97) e no apêndice do Livro I.

Na experiência docente, é possível notar que partir de tal ponto (a existência de Deus) é exitoso em diminuir resistências de discentes, infelizmente existentes como fruto tanto da doutrinação religiosa como de um preconceito, fruto do apego a valores questionáveis, de que o estudo da Filosofia promoveria o ateísmo ou um sentimento antirreligioso. Sabe-se que não é isso que está em disputa.

Mas estes pontos salientados por Espinosa, que para fins de estratégia docente já deverão ter sido apresentados à turma, levam a outras constatações (por dedução) que começam a dinamitar a falsa segurança fornecida pelos velhos dogmas. Dizer que Deus existe e opera *sob a necessidade de sua natureza* é descartar de pronto sua suposta natureza antropomórfica masculina, já que,

se assim fosse, não haveria Razão para a existência de outras formas de vida. É negar também que Deus possa ser concebido, por analogia, como um Rei ou um Juiz, visto tais papéis somente existirem nas sociedades humanas e não no mundo dito natural – como referido no *TTP* e apontado por Deleuze (2002).

Desde de que se conceba assim a liberdade de Deus, como a de um tirano ou a de um legislador, vinculamo-la à contingência física ou então à possibilidade lógica: introduzimos então a inconstância na potência de Deus, uma vez que ela poderia ter criado outra coisa, ou, pior ainda, introduzimos a impotência, já que a sua potência se encontra limitada por modelos de possibilidade. Além disso, fazemos existir abstrações tais como o nada na criação *ex nihilo*, ou o Bem e o Melhor na liberdade esclarecida (DELEUZE, 2002, p. 88).

Assim, Deus também não opera pela liberdade da vontade (Cfe. ESPINOSA, 2015, E I P XXXII, C II, p. 101), nem o sumo intelecto ou vontade dizem respeito à natureza de Deus (Cf. ESPINOSA, 2015, E I P XVII, esc., p. 77-81) e, mais importante de tudo, Deus não se alegra ou se entristece, não ama nem odeia ninguém (Cfe. ESPINOSA, 2015, E V P XVII, C, p. 595). Ou seja, crer na Ira de Deus contra os humanos é absurdo.

Em seu enunciado mais conhecido, *Deus, sive natura* (ESPINOSA, 2015, E IV P IV, D, p. 386), Espinosa demarca que a divindade é Natureza (*Natura*) naturante e natureza naturada simultaneamente, ou seja, substância e modos (*Deus sive substantia sive modii*). Deus é a natureza infinita e absoluta, e todas as coisas que são, assim o são – e são tornadas naturais (naturalizadas) por ele. Isto é, os modos, embora pertençam à natureza realizada, resultam da natureza divina. Sendo Deus absolutamente infinito e tudo nele sumamente perfeito, toda coisa existente se segue necessariamente da essência perfeita desta Substância.

Do que precede segue que as coisas foram produzidas por Deus com suma perfeição, visto que seguiram necessariamente da natureza perfeitíssima dada. E isso não imputa a Deus nenhuma imperfeição; sua própria perfeição, com efeito, nos obriga a afirmar isso (ESPINOSA, 2015, EI PXXXIII, Esc. 2, p. 103).

Para Espinosa, tanto as coisas particulares como os modos infinitos e eternos seguem de Deus e são determinados por ele tanto em sua existência como em sua essência, visto ser Deus a causa imanente e eficiente do real e não transitiva (ESPINOSA, 2015, E I P XVIII, D, pp. 81-83). Se a Substância se apresenta em diversos modos e possui diversos atributos, e cada ser é um modo diverso da mesma Substância, ou seja, Deus, é possível afirmar que “as coisas particulares nada são senão afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus se exprimem de maneira certa e determinada” (ESPINOSA, 2015, E I P XXV, Corolário. p. 91). Logo, as coisas particulares não podem ter em si, como propriedades, atributos como bem e mal, ou bondade e maldade ou certo e errado.

Como dito por Espinosa no prefácio do Livro IV da Ética,

Quanto ao bem e ao mal, também não indicam nada de positivo nas coisas consideradas em si mesmas, e não são nada outro além de modos de pensar ou noções que formamos por compararmos as coisas entre si. Pois uma e a mesma coisa pode ao mesmo tempo ser boa e má e também indiferente. Por exemplo, a Música é boa para o Melancólico, má para o lastimoso; no entanto, nem boa nem má para o surdo (ESPINOSA, 2015, E IV, Prefácio, p. 377).

A projeção feita pelo ser humano entre o que é estritamente referente ao âmbito pessoal para algo fora do seu ser e, logo após, tais julgamentos pessoais para a totalidade da realidade acaba por deformar o julgamento sobre as coi-

sas, visto que leva o humano a conceber, conforme seu engenho, a existência de uma realidade extra-humana aos conceitos de bem e mal. Ainda que as palavras bem e mal possam evocar questões positivas como utilidade, não há, em Espinosa, uma separação ontológica entre tais conceitos ou predicados, sendo bem e mal dependentes apenas dos juízos dos homens, ou, melhor dizendo, a partir da construção de um juízo ou modelo, que os homens formam e preservam, em suas representações, como arquétipo das coisas, é que estes nomeiam as coisas da natureza como perfeitas ou imperfeitas de forma ignorante, o que inclui aos próprios seres humanos e à própria divindade, como é possível concluir a partir do *TTP*, com a ideia de que a natureza em si é o poder de Deus com outro nome, e a ignorância humana a respeito do poder de Deus é coextensiva à ignorância sobre a natureza. Em Espinosa,

De facto, tudo é feito pela potência de Deus e, além disso, como a potência da natureza não é senão a própria potência de Deus, nós não compreenderemos esta enquanto ignorarmos as causas naturais. É, portanto, insensato recorrer a ela quando ignoramos a causa natural de qualquer coisa, que o mesmo é dizer, a própria potência de Deus (ESPINOSA, 2019, p. 146).

Assim, Deus é suma perfeição não por não ter “erros”, por ser “bom” ou por “atender” os desejos daqueles que pedem os milagres, conceitos que só fazem sentido aos humanos, mas por ser *completo*, ou seja, ser em si a plenitude e ser feito da forma mais completa. E isso, em princípio, estende-se a tudo que o *constitui* (e este termo tem função nesta estratégia, visto que a repetição da ideia de Criador e Criatura, tão comum nas leituras das Escrituras feitas pelo vulgo, hierarquiza e separa Deus de seus modos, o que na mente do vulgo abre espaço para a soberba de crer que seu lugar por direito é o de arbitrar o que seria a vontade ou o desejo de Deus). O que mais interessa, para a estratégia docente, é ressaltar que, em Espinosa,

as leis universais da natureza, segundo as quais todas as coisas são feitas e determinadas, não são outra coisa senão os eternos decretos de Deus, os quais implicam sempre eterna verdade e necessidade. Dizer, portanto, que tudo acontece segundo as leis da natureza é o mesmo que dizer que tudo é ordenado por decreto e pelo governo de Deus [...] A potência de todas as coisas naturais não é outra coisa senão a própria potência de Deus. (ESPINOSA, 2019, pp. 166-167).

Assim, toda manifestação natural (o que inclui sexualidade, gênero e etnia, como será explorado posteriormente neste artigo) está conforme tais decretos e governo de Deus: se existe na Natureza, é potência divina. Ainda no *TTP*, lemos que

se a virtude e a potência da natureza são as próprias virtude e potência divinas, se as leis e regras da natureza são os próprios decretos de Deus, então temos absolutamente de admitir que a potência da natureza é infinita e que as suas leis são tão amplas que se estendem a tudo o que é concebido pelo próprio entendimento divino. De outro modo teríamos de admitir *que Deus criou uma natureza de tal maneira impotente e que as suas leis e regras são tão ineficazes que ele se vê frequentemente obrigado a vir de novo em seu auxílio se quer que ela se conserve e que as coisas se passem conforme deseja*, o que presumo ser completamente contrário à razão (ESPINOSA, 2019, p. 205-206, grifos nossos).

OS MODOS DE ESTRATÉGIA

Os modos, por sua vez, têm suas determinações a partir da Substância, pois se eles existem em Deus estão submetidos às suas causas e determinações. Os modos não são livres da mesma maneira que a substância, tendo sua liber-

dade determinada por ela. O próprio ser humano é, para o autor holandês, constituído por modos de dois dos infinitos atributos de Deus, o pensamento e a extensão, ou a ideia e seu objeto, o corpo, respectivamente. A mente humana, enquanto essencialmente uma ideia, e o objeto desta ideia, o corpo, pressupõem uma relação não causal entre um modo finito do atributo pensamento e do atributo extensão.

O corpo é uma relação composta ou complexa que subsiste através de todas as mudanças que afetam suas partes, estando continuamente sujeito ao impacto dos múltiplos e variados corpos à sua volta. A mente reflete tais relações e através delas, ou das afecções corporais, conhece os corpos externos, ainda que, ao final, todas as coisas sejam modos da Substância e perseverem para manter sua existência: “[...] as coisas não puderam ser produzidas por Deus de nenhuma outra maneira e em nenhuma outra ordem do que aquelas em que foram produzidas” (ESPINOSA, 2015, E I P XXXIII. p. 101).

Assim, analisar a natureza humana é analisar a essência das pessoas, pois, por definição, essência é “[...] aquilo que, dado, a coisa é necessariamente posta e, tirado, a coisa é necessariamente suprimida” (ESPINOSA, 2015, E II, Definição II, p. 125 – e retomada em E II, P X, esc. II, p. 145). Conforme FRAGOSO (2009) observa,

se a natureza humana é constituída de modos dos atributos de Deus, se estes atributos são concebidos por si e o conhecimento de um não pode ser deduzido do outro, ainda que existam infinitos atributos, segue-se que só podemos conhecer dois dos atributos divinos: o atributo extensão e o atributo pensamento (FRAGOSO, 2009, pp. 86-87).

Logo, pode-se concluir que a chamada natureza ou condição humana só pode ser definida como uma forma necessária destes dois atributos. Não seria o humano, por uma “escolha”, que diria algo de forma rotunda sobre seus afetos, desejos ou busca do perseverar.

O próprio entendimento do que é ser um ser humano e das ações promovidas por tais seres envolve perceber que a humanidade, enquanto modo, recebe determinações de fora por outra coisa, que por sua vez, também sofre determinações pela infinidade dos modos infinitos da Substância. Assim, pode-se entender que ainda que a escolha de ações possa conter liberdade, há um certo escopo no qual tal liberdade ocorreria – o escopo da Substância. Espinosa expõe na Proposição XXVIII da Parte I da Ética:

Ora, também não pôde seguir de Deus ou de algum atributo dele enquanto afetado por uma modificação que é eterna e infinita (*pela Prop. 22*). Logo, deve ter seguido ou sido determinado a existir e operar por Deus ou algum atributo dele enquanto modificado por uma modificação que é finita e tem existência determinada; o que era o primeiro. Ademais, por sua vez, esta causa, ou seja, este modo (pela mesma razão pela qual demonstramos, há pouco, a primeira parte desta), deve também ter sido determinada por outra, que também é finita e tem existência determinada, e por sua vez esta última (pela mesma razão) o é por outra, e assim sempre (pela mesma razão) ao infinito C.Q.D. (ESPINOSA, 2015, E II, P XXVIII, p. 93).

A perfeição da Substância pressupõe, nestes casos, que nenhum modo (animal, humano ou natural) pode ser compreendido como imperfeito por ser como é, pois derivado dos atributos extensos e de pensamento da própria Substância. De forma análoga, nada relacionado à mente ou aos afetos e desejos humanos é condenável *de pronto*, visto que fazem parte do ser e de sua liberdade determinada, também modo do atributo pensamento, e são *necessários* para a perseverança do *conatus*.

As afecções do corpo e as ideias das afecções na mente não são representações cognitivas desinteressadas e fragmentadas. Se o fossem, seriam apenas experiências dispersas e sem sentido. São modificações da vida do corpo e

significações psíquicas dessa vida corporal, fundadas no interesse vital que, do lado do corpo, o faz mover-se (afetar e ser afetado por outros corpos) e, do lado da mente, a faz pensar. Qual é o interesse vital? A existência e tudo quanto contribua para mantê-la (CHAUI, 2000, s/p).

Perseverar é, ao fim, buscar o viver da forma que mais apraz ao ser, pois isso parece ser o mais coerente inclusive do ponto de vista da Substância. Se buscamos viver da melhor forma possível, a questão que surge, conforme Marcos Ferreira de Paula (2021, p. 312) é “o que convém desejar antes e acima de tudo”? Aquilo que pode aumentar nossa potência de existir, nosso *conatus*, os afetos alegres. Conforme Espinosa, “o Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer” (ESPINOSA, 2015, E III Def., p. 339). Da mesma maneira, Marcos Ferreira de Paula (2021) observa que, para Espinosa, todo afeto, alegre ou triste, é um tipo de conhecimento, pois

é uma ideia, uma expressão psíquica que exprime a variação da potência de agir da mente simultânea a uma afecção do corpo pela qual a potência deste igualmente varia. O afeto, em Espinosa, é um acontecimento do corpo (afecção) e da mente que dele é ideia, simultaneamente, pois é da essência da mente ser uma ideia da totalidade do seu corpo (as relações de proporção de movimento e repouso que o definem) e do que nele se passa (as variações de sua potência de agir). Se essa ideia for confusa, parcial, a qual só se explica por nossa relação com a exterioridade, o afeto é passivo, é uma paixão; porém, se for uma ideia adequada do que se passa em nós, que depende unicamente de nossa potência de pensar para ser explicada, o afeto é ativo, é uma ação (PAULA, 2021, p. 304).

O pensamento espinosano traz à baila a ideia já presente nos estoicos de que a busca pelo conhecimento e a ação de como chegar a tal estado operam

como uma “medicina” (CICERO *apud* CHAUI, 2020, p. 245) na qual o viver, o mundo, a vida e a experiência da Natureza e dos afetos alegres são os caminhos deste processo.

O filósofo, ao conhecer a natureza de sua mente e de seus afetos a partir de suas causas reais e do conhecimento da *Causa prima*, torna-se médico de si mesmo: seu conhecimento, que lhe proporciona a ideia verdadeira da união que a mente tem com a Natureza inteira, constitui ao mesmo tempo uma terapêutica e a cura, isto é, a felicidade enquanto exercício mesmo do intelecto sob a perspectiva da eternidade (CHAUI, 1999, p. 664).

E por qual razão o amor é central neste ponto da análise? É necessário desbaratar a confusão reinante, intencional ou não, associada entre o “amor que não ousa dizer seu nome” (DOUGLAS *apud* WILDE, 1998, p. 23) e a lascívia, considerada pecaminosa (PAULO DE TARSO, I GAL 5:19), ou à reprovação contida em Levítico 18:22 e 20:13, entre outras passagens. Tal tipo de polêmica se estende a certas interpretações dos textos sagrados judaico-cristãos que poderiam advogar uma reprovação de relações inter-raciais – como em Deuteronômio 7: 3-4, que reprova o casamento de israelitas com gentios de outras etnias – ou uma censura das relações entre cristãos e praticantes de outras religiões expressa por Paulo de Tarso em II CORÍNTIOS 6:14 (“Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?”). Tais passagens, entre outras, historicamente têm sido utilizadas para infundir o medo e a superstição no âmago dos e das que seguem estas crenças, associando uma reprovação humana a jeitos diferentes de ser com uma hipotética reprovação divina a seus filhos.

Ora, basta relembrar a Proposição XVII da Ética v (*Deus é isento de paixões e não é afetado por nenhum afeto de Alegria ou Tristeza* – ESPINOSA, 2015, p. 545) e seu corolário, já citado anteriormente, para tornar o conceito de

pecado (o agir de modo a *desagradar* ou *não agradar* a Deus), da forma como arguido pelos que se dizem representantes da divindade, incompatível com a visão espinosana, sendo o mote do pecado apenas um exemplo daquilo que este autor condena com tanta veemência no *TTP*: o uso da superstição, do preconceito e do medo como ferramenta coercitiva e manipulativa em uma sociedade.

Ainda mais, a leitura espinosana permite afastar dois preconceitos comuns a respeito do Amor: o de que amar alguém ou uma coisa seria uma escolha, sem que sejamos tocados por algo externo – ou seja, afetados pela coisa amada – e de que o amor seria sinônimo de sofrer ou de devassidão, devendo ser evitado. Sobre a primeira questão, o autor nota que modos de pensar como amor, desejo, “ou quaisquer outros que sejam designados pelo nome de afeto do ânimo, não se dão se no mesmo indivíduo não se der a ideia da coisa amada, desejada etc. Mas a ideia pode dar-se ainda que não se dê nenhum outro modo de pensar” (ESPINOSA, 2015, E II. Axioma III. pp. 127-8). E, a partir da interpretação da Definição VI do Livro III, uma das definições dadas por Espinosa ao amor é a de ser “uma alegria acompanhada da ideia de uma coisa exterior como causa da alegria experimentada (ESPINOSA, 2015, p. 343 *apud* PAULA, 2021, p. 313).

Também seria ilógico alguém escolher, de caso pensado, um amor ou paixão sabendo que tal afecção traria o sofrimento (por exemplo, o preconceito social), pois quanto maior o afeto por nós com que imaginarmos ser a coisa amada afetada, tanto mais nos glorificaremos (ESPINOSA, 2015, E III, p xxxiv, p. 291). Ainda que o amar tenha uma dimensão passional e que uma paixão, em Espinosa, seja “uma ideia confusa sobre o que se passa em nós, quando nosso corpo afeta ou é afetado por algo (pessoa ou coisa) exterior” (PAULA, 2021, p. 312), tal paixão ainda assim é seguida pela ideia da existência e da presença do objeto exterior, seja outra pessoa ou Deus. O amor é constituído desta forma, e caracteriza-se como alegria passiva ou paixão alegre que aumenta o *conatus*, visto que

se, nesse caso, a potência do corpo é aumentada, a alegria experimentada determina a afirmação do desejo desse objeto, ainda que apenas esta ou aquela parte do corpo seja afetada, em detrimento de outras partes ou da totalidade complexa do corpo. E, no limite, se nenhum afeto mais forte e contrário surgir, tendemos aos esforços de repetição do mesmo afeto, tendemos a desejar sempre e mais, sob as mesmas circunstâncias, o mesmo objeto, considerado como causa do aumento da potência (PAULA, 2021, p. 313).

A segunda questão, considerando que o perseverar é fonte de felicidade, pode ser abordada pela Proposição XLII do Livro V da Ética (enunciado e demonstração): ninguém goza de felicidade por coibir ou interditar os afetos, mas a felicidade, este perseverar em si e no amor a Deus, dá o poder de coibir a lascívia. Portanto, ao ser nominada diretamente, esta não deve ser entendida como afeto equivalente a nenhum tipo de amor, muito menos ao amor que nos une à Substância, e certamente não pode ser considerada atributo indissociável de algum tipo específico do amar, seja às manifestações (modos) da divindade ou a outro ser humano (de gênero ou etnia igual ou diferente a si). Logo, o amor, como afeto alegre, é incompatível com o conceito abstrato e humano de pecado, visto que este último não encontra eco em Deus. Já o Amor, visto que é natural e passível de ser tocado pelo conhecimento das Causas, é atributo da Substância. Nesta chave, a mensagem do Cristo em João 13:34-35⁹ e João 15 (o *Mandamento do Amor*) ganha nova potência: “Um mandamento novo vos dou, que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto conhecerão todos que são meus Discípulos, se vós tiverdes amor uns entre os outros”.

9 Outras versões da mesma mensagem estão em Mateus 22: 36-39, Marcos 12:28-31 e Lucas 10:25-28: “Amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração, e com toda tua alma, e com todo teu *entendimento*. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (grifos nossos). Estas passagens do Novo Testamento coadunam-se formidavelmente com as Proposições XV, XVIII e XX do Livro V da Ética.

COMO QUERÍAMOS DEMONSTRAR: A EXECUÇÃO E
O PASSO FINAL DA ESTRATÉGIA

Ainda que, por uma questão de tempo (a reduzida quantidade de horas-aula semanais) e de currículo escolar (a necessidade de cobrir um volume de conhecimentos extenso para a abordagem dos problemas histórico-conceituais do conceito de Ética, conforme as exigências da BNCC), não seja possível neste texto esmiuçar todas as observações e análises que surgiram da interação didática e da abordagem de tais temas em sala de aula, reforça-se que a sequência lógica exposta acima foi seguida experimentalmente nas atividades docentes com @s estudantes durante duas a três semanas de encontros pedagógicos.

Os passos executados nas três turmas seguiram a seguinte disposição:

1) Em um momento inicial, partiu-se da famosa referência a Einstein, na qual o físico alemão diz que crê no Deus de Espinosa, e da questão lógica subsequente: que Deus é esse ou no que tal divindade consiste? Para tal, foi exibido em sala um trecho do seriado *Cosmos: Mundos Possíveis* no qual o apresentador, o físico Neil de Grasse Tyson, apresenta em linhas muito gerais – e com recurso a animações – o pensamento espinosano e a ideia de que a divindade é cognoscível pelas leis da Natureza.

2) O desdobramento se dá a partir de um aprofundamento na discussão e interpretação da expressão *Deus sive Natura* – abrindo espaço para o corpo discente pesquisar e manifestar seu entendimento sobre o significado da expressão – trazendo à baila o questionamento sobre a dimensão da afirmação espinosana e sobre o pretenso primado humano dentre os seres da dita Criação, assim como da pretensão contida na ideia de que tais leis, sendo a própria expressão da divindade, poderiam ser alteradas a pedido dos humanos para satisfazer suas requisições (ou seja, a problemática do conceito de milagre, tido como uma violação das leis naturais). Afinal, por que razão uma Suma Razão criaria leis apenas para mostrar que pode descumpri-las a pedido humano?

3) O passo seguinte é a apresentação dos conceitos de Modo, Atributo e Substância, tecendo a relação dos dois primeiros com a ideia da Substância em sua perfeição. No movimento final, que ocupa o último encontro pedagógico, busca-se levar @s discentes à seguinte sequência de interrogações:

Se a Substância consta e consiste de infinitos atributos e se modifica em diversos modos, sendo cada ser um modo diverso da mesma Substância, ou seja, Deus, é possível afirmar que:

a) se o ser humano pode ser considerado como modo de dois atributos da Substância, pensamento e extensão, e a Substância é perfeitíssima, isto é, feita em sua totalidade e completude, não há nenhuma possibilidade de que um ser humano possa “agradar” ou “desagradar” a Deus por ser do jeito que é, ou seja, como pensamento e extensão derivados da divindade;

b) se a ordem da Natureza também é perfeitíssima, visto que o Ser de Deus é o Universo e as leis de Deus são as leis naturais, diferenças de espécies, gênero, etnias, corpos e sexualidades são apenas *modos* do atributo extensão, e não pecados ou falhas, visto que supor que uma corporeidade é naturalmente “errada” ou condenável – ou que Deus tenha arrependimento por tê-la criado assim – seria dizer que haveria falhas na Substância. E àquele que crê, é possível acreditar que Deus “errou” sem que tal pensamento caracterize um pecado capital?, e;

c) imaginar que a Substância pode ser *conhecida* pela crença (ou por uma crença apenas) e que, por tal razão, a interpretação de passagens de um livro estabeleceria hierarquias a serem seguidas sobre quem *crê* melhor é negar (mais que isso, é profanar) a possibilidade do *conhecimento* de Deus, pois equivaleria a dizer que os juízos humanos sobre a Escritura possuiriam verdade acima dos postulados da própria, das leis da Natureza ou dos decretos do próprio Deus.

Tais questões podem ser deduzidas a partir da interpretação da Demonstração da proposição XXXVIII do Livro II da Ética como uma afirmação de que, sendo alma e corpo outras formas de dizer Pensamento e Extensão, a

própria ideia que a Substância teria de tais atributos é, necessariamente, adequada, visto que pensada pela Substância perfeitíssima, assim como a ideia que a própria Mente tem de si ou do mundo. Corpos são como devem ser, peles têm a tonalidade que devem ter, afetos e afeições são como devem ser sentidas e entendidas pela Mente, ou seja, *como a Substância as pensou*.

Seja A algo que é comum a todos os corpos e que está igualmente na parte e no todo de qualquer corpo. Digo A não poder ser concebido senão adequadamente. Pois a sua ideia (*pelo Corol. da Prop. 7 desta parte*), será necessariamente adequada em Deus, tanto *enquanto tem a ideia do Corpo humano, como enquanto com as ideias das afecções do mesmo*, as quais (*pelas Prop. 16, 25 e 27 desta parte*) envolvem parcialmente tanto a natureza do Corpo humano, como a dos corpos exteriores, isto é (*pelas Prop. 12 e 13 desta parte*), *essa ideia será necessariamente adequada em Deus* enquanto constitui a Mente humana, ou seja, enquanto tem as ideias que estão na Mente humana; portanto (*pelo Corol. da Prop. 11 desta parte*), a Mente necessariamente percebe A adequadamente, e tanto enquanto percebe a si mesma, como enquanto percebe o seu ou qualquer corpo externo, e *A não pode ser concebido de outra maneira* C. Q. D. (ESPINOSA, 2015, E II P XXXVIII D, pp. 193 e 195, grifos nossos).

As experiências de sala na aplicação de tal estratégia provocaram reações que oscilaram do choque e contemplação, reflexão e questionamento profundos daqueles que se abraçavam à imagem tradicional do Deus vingativo ao júbilo dos e das que, mesmo pertencendo a outras denominações ou crenças, sentiram-se acolhidos e defendidos por postulados ao mesmo tempo racionais, fundamentais para o conhecimento filosófico e a medicina dos modos da substância, e embebidos de profunda espiritualidade, fundamental para a medicina da alma dos que abraçam esta forma de ver o mundo.

Negar a pertinência da argumentação espinosana como resposta e solução que abre *ao menos a possibilidade* de retirar tais temas das brumas da intolerância obrigaria a quem se mantivesse eivado e encastelado em seus preconceitos – o que poderia ocorrer com alun@s ou com responsáveis recalcitrantes – a negar exatamente os pressupostos que muitas vezes são usados para justificar a crença em Deus, a saber: a Onipresença, a Onipotência e a Onisciência. Q. E. D.

SPINOZA'S PHILOSOPHY AS A WAY TO START A DIALOGUE ABOUT DIVERSITY BETWEEN HIGH SCHOOL STUDENTS

ABSTRACT: In the curriculum of the Common National Base for Secondary Education in Brazil, the promotion of ethics and human rights is a constituent category of the Human Sciences program in general and in Philosophy in particular. In light of this directive, this article reports on an experience of approaching to issues of ethnicity, gender and sexuality in 2nd year high school classes at the IFPR Colombo campus (state of Paraná, Southern Brazil). The experience was based on a reading of selected elements from Spinoza's *Ethics* and *Theological-Political Treatise*. The theoretical foundation for the thematic approach based on Spinoza consists of an interpretation of the concepts of Mode, Attribute and Substance, the latter understood as the most perfect. If, for the author, the Substance shows itself in different modes and with different attributes, and each being is a different mode of the same Substance, that is, God, then: a) if the human being is a mode of the Substance and the Substance is most perfect, it cannot be said that he or she is at fault before God for being as he or she is, and; b) if the order of Nature is also most perfect (because God, sive Natura), gender differences, ethnicities, bodies and sexualities are only modes of the attribute extension: to affirm them as sins or faults is to say that Substance is not Perfect.

KEYWORDS: Diversity; Spinoza; Substance; Mode; Perfection.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA. (2023). Disp. <https://www.bibliacatolica.com.br/>
- BORGES, B. (2019). Casos de bullying e discriminação aumentam entre alunos e professores nas escolas de SP, diz pesquisa. *Gr São Paulo*. Disp. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/18/casos-de-bullying-e-discriminacao-aumentam-entre-alunos-e-professores-nas-escolas-de-sp-diz->

- pesquisa.ghhtml Acesso 11 abr 2023 17:00.
- BRASIL. (2018). Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC.
- CHAUÍ, M. (1999). *A Nervura do Real: Imanência e Liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____, (2020). “Anatomia e terapia da mente humana: o *De intellectus emendatione* de Espinosa”. In: *Discurso*, v. 50, n. 2, pp. 239–250. DOI 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2020.181250
- _____, (2000). *Paixão, ação e liberdade em Espinosa*. Caderno +Mais. Folha de São Paulo, 20 de agosto de 2000. Disp. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2008200006.htm>
- COSMOS: MUNDOS POSSÍVEIS. (2020) *Ladder to the Stars*. (Temporada 2 Ep. 1). 44 min. Dir. Ann Duryan; Brannon Braga. EUA: National Geographic.
- DELEUZE, G. (2002). *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Editora Escuta.
- PAULA, M.A. (2021). “Amor e conhecimento: Freud e Espinosa”. *Trans/Form/Ação*, V. 44 n. 4. Out-dez 2021. Pp 291-319. <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n4.24.p291>
- ESPINOSA, B. (2015). *Ética*. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos. São Paulo: EdUSP
- _____, (2019). *Tratado Teológico-Político*. Trad. Diogo Pires Aurelio. Lisboa: Casa da Moeda.
- FRAGOSO, E.A.R. (2009). “A concepção de natureza humana em Benedictus de Spinoza”. *Cadernos Espinosanos*, v.21, pp. 83-95. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2009.89371>
- MATUOKA, I. (2018). Por que a escola brasileira precisa discutir gênero e orientação sexual. *Centro de Referência em Educação Integral – EI*. Disp. <https://educacaointegral.org.br/reportagens/por-que-a-escola-brasileira-precisa-discutir-genero-e-orientacao-sexual/> Acesso 04 jan 2023 15:09
- PUTTI, A. (2020). Um LGBT é agredido no Brasil a cada hora. *Carta Capital*. Disp. <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/> Acesso 13 abr 2023 11:43

- REIS, T.; EGGERT, E. (2017). Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação Brasileiros. *Educação & Sociedade*, v.38, n.138, pp.09-26
- ROCHA, M. (2022). População LGBT no Brasil é maior do que os números divulgados. *Terra Nós. Portal Terra - Opinião*. (vídeo) Disp. <https://www.terra.com.br/nos/opiniaio/marcia-rocha/videos/populacao-lgbt-no-brasil-e-maior-do-que-numeros-divulgados,3594376d50bc1171f5bb2b-2843289fd40f31d38n.html>. Acesso 22 fev 2023 00:26
- TOKARNIA, M. (2016) Mais de um terço de alunos LGBT sofreram agressão física na escola, diz pesquisa. Agência Brasil. Disp. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/mais-de-um-terco-de-estudantes-lgbt-ja-foram-agredidos-fisicamente-diz> Acesso 23 mar 2023 11:00